

QUADRAGESIMO ANO VERMELHO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Que podemos nós pensar dos resultados conseguidos pelo regime soviético nos seus quarenta anos de existência? Mais de uma vez foi feita a pergunta pelos jornalistas que agora inauguraram o processo de fazer entrevistas relampagos por telefone, e eu pouco pude dizer do que pensava. Não ando bem informado do que se passa atrás da cortina de ferro e não sou tão crédulo que chegue a dar atenção a todas as notícias que o telegrafo nos traz. Sei como todo o mundo que a Rússia tornou-se um dos países mais poderosos do mundo. Sei que nos festejos do quadragesimo ano, o governo soviético se empenhou em dar um quinhentos quilos e transporta uma gloriosa cadela. A rigor, não sou obrigado a acreditar na cadela e nos quinhentos quilos porque ninguém, físico, matemático ou astrônomo, pode demonstrar a existência desses pormenores. O que parece incontrovertido é que existem os satélites e existem os aparelhos transmissores dentro dos ditos satélites. Os sinais foram captados, e até parece que a órbita dos aparelhos foi determinada. Quanto ao péso e ao bicho temos que fazer ato de fé na palavra do governo soviético. Em regra geral não sou inclinado a acreditar no que dizem os governos, e sou fortemente inclinado a não acreditar no que dizem os governos totalitários. E não veja nisto, o leitor, uma declaração de ceticismo. Sigo o bom senso e o "fair-play". Se um governo se cerca de arame farpado e fuzila os contraditores, a modesta homenagem que posso oferecer a memória dessas vítimas é o cancelamento do crédito dos algozes. Quem se arma poderosamente para não sofrer oposição tem de sofrer o descrédito. Se o sr. Kruchev, antes de cair, quer ter a pequena satisfação de contar com o crédito deste seu criado, tem de descerrar a cortina e desamordçar a opinião na Rússia. Não digo que valha a pena, só para isto, modificar o glorioso regime, mas apenas explico que eu só posso crer no que vem da Rússia quando souber que lá existe liberdade de crítica. Pode ser que um dos admiradores do regime pense de um modo diferente, e tanto mais firmemente creia quanto mais oficial e incontrolada é a informação. É uma questão de estrutura de mentalidade, se quiserem. A minha, de formação pequeno-burguesa tem essa obstinação de achar que não merece fé o que vem de um governo que não admite a contradição. E por aí verá o leitor que já dou provas de

boa vontade acreando na cadela e na meia tonelada de peso do satélite.

E daí? Será isto um resultado do regime soviético? Será o poderio russo, e seu adiantamento em satélites um resultado do regime? Ainda que fosse, não estaria provado que o regime é bom, politicamente bom, bom para os homens e mulheres russas. Creio que já disse a mesma coisa em mais de um artigo. Hoje direi que é um pouco fútil atribuir êsse resultado ao regime. A história não funciona como uma máquina, como pensam os adeptos do determinismo histórico. Os acasos, as correntes fortuitas, as interseções de linhas de casualidade entram na formação dessa trama dotada de vertiginosa contingência. Vejamos alguns fatos que ilustram a filosofia. Em 1939 o regime tinha vinte e dois anos. Atingira a sua maioridade. Três anos antes a Rússia deixava os comunistas espanhóis entregues à própria sorte, e à fúria dos falangistas. Digamos que era jovem demais para influir na sorte do mundo e que estava mal armada para enfrentar o terrível generalíssimo. Em 1939 começa a história das atividades russas. E como? Formando um pacto com Hitler, invadindo a Finlândia e bombardeando impiedosamente uma pacata cidade. Para mim, que sou velho, essas notícias são de ontem. Helsinki bombardeada. Russos e alemães de braços dados contra o mundo. Anos mais tarde haverá uma campanha para provar aos crédulos que a Rússia Soviética é pacifista. Em 1939 não se embaraçava Stalin com tais delicadezas. Lembro-me de um telegrama particularmente expressivo. Um bombardeiro russo fôra abatido na Finlândia: o piloto era uma mulher. E note-se que a guerra estava no princípio, e que nada, a não ser o amor pelo bombardeio de cidade aberta, explicava a presença da mulher. A impressão que se tem, em 1939, é que as duas nações totalitárias, de esquerda e de direita, se completavam na formação de um monstro.

Não há nada como um dia depois de outro, ou como um ano. Em 1941, convencido da fraqueza dos russos, Hitler invade e esturva sua ex-companheira. As divisões alemãs entram pelas terras russas como em flácida enxundia. Os russos recuam com perdas prodigiosas. Recuam como recuaram em 1812. Em poucos meses de campanha os exércitos de Hitler chegam nas vizinhanças de Moscou e ocupam um território maior do que a Alemanha. Dura quase dois anos o estrangulamento da Rússia. Note bem o leitor esse fato: de 1941 a

1942, a Alemanha dividida, sobrecarregada pela guerra em duas frentes, com os bombardeiros ingleses a lhe castigar a oeste, com os Estados Unidos já em buerra e a abastecer os aliados, essa Alemanha já fatigada, já esgotada, ou melhor essa meia-Alemanha mantém sob o tação o colosso moscovita. Nesse tempo, a impressão que tínhamos, nós que torcíamos desesperadamente pela derrota da Alemanha, era que na Rússia os soldados eram uns rústicos mujiques armados de paus e de espingardas do tempo do Tzar. E ninguém, em são juízo, ignora ou duvida um só instante do resultado que teria a guerra entre a Alemanha e a Rússia se não tivesse havido a resistência francesa, a tremenda reação inglesa, e a providencial intervenção americana. O leitor de vinte e poucos anos que agora atribui ao regime, ao socialismo marxista, o mérito do progresso material e científico da Rússia, devia ler os jornais de quinze anos atrás. Veria que foi a loucura de Hitler que atirou a Rússia no reago protetor das nações ocidentais. Por gosto de seus dirigentes, o que se sabe, o que se vê, o que não se discute é o pacto com o nazismo e o bombardeio da pacífica Finlândia. Foi a loucura de Hitler de um lado, e de outro lado a heróica determinação dos ingleses, e depois o poderio dos americanos que salvaram o regime soviético. Sem esses elementos, ou melhor, com a loucura criminosa de Hitler e sem a loucura heróica dos ingleses, o regime teria sorte bem diversa da que hoje se vê. Com todos os postulados e teoremas de Karl Marx, e com todo o valor de Stalin, ex-agente da polícia do Tzar, a Rússia seria hoje um grosso satélite da Alemanha nazista. O sucesso da resistência de Stalingrado, em fins de 1942, se explica pelo cansaço da Alemanha cercada e pela distância enorme que dificultava o abastecimento das tropas. Sem subestimar o valor dos feitos pessoais e do patriotismo que sempre existiu na Rússia, antes e depois de 1917, podemos dizer que a resistência de Stalingrado só foi possível depois da resistência dos mesmos países que a mesma Rússia Soviética, em 1939, tratara como inimigos.

Derrotada a Alemanha, sobram no mundo, de um lado e de outro da Europa devastada dois grandes países. São os herdeiros da guerra, os beneficiários da universal hecatombe. Fatigadas, as democracias ocidentais concedem à Rússia o direito de ocupação da metade da Alemanha. E é a partir desse fato, isto é, a partir desse primeiro contato com a cultura do ocidente e dessa ocupação da Alemanha que começa o grande progresso soviético. Em quinze anos a Rússia se torna a segunda potência mundial, e agora se apresenta, no programa de festividades, como detentora do recorde de satélites. Será razoável atribuir êsse sucesso ao regime? Será razoável esquecer o papel decisivo que representou a guerra? Será justo esquecer a dívida colossal? Será decente fingir o esquecimento das façanhas na Finlândia?

O que se pode dizer das democracias ocidentais é que elas têm revelado, nesses últimos vinte anos, um espantoso pendor para o suicídio. Elas mesmas alimentaram o monstro nazista. Acasalaram depois o monstro comunista. Vítimas da grossa e grosseira inerente à moral burguesa, que se compraz em crer nas próprias falsificações, as nações ocidentais são responsáveis pelas primeiras vitórias de Hitler e pelas atuais vitórias soviéticas. Os russos podem hoje, no programa das festividades, incluir numerosos humorísticos que recordem a candura de Roosevelt ou a loucura de Hitler; podem rir do esforço que a RAF realizou para livrar a Rússia da sufocação nazista; podem zombar de Yalta e da simplicidade com que os aliados concordaram na partilha do cadáver alemão. Mas não podem, sem grave ofensa à verdade dos fatos, dizer que o poder e a riqueza da Rússia de hoje é um resultado do regime. Ou então terão de explicar cabalmente a razão do contraste entre a fraqueza de 31 e o surto de progresso depois dos primeiros contatos com a cultura do ocidente e depois da ocupação da Alemanha.

Mas é bem possível que eu esteja enganado em todas essas considerações. Não conheço a fundo a teoria do determinismo histórico, não possuo bem a dialética marxista, e por isso talvez me engane na interpretação dos fatos. Vai ver que Stalin previu tudo, até a cadela do Sputnik. Vai ver que está escrito, nos manuais do partido, que para o regime soviético a vida começa aos quarenta...